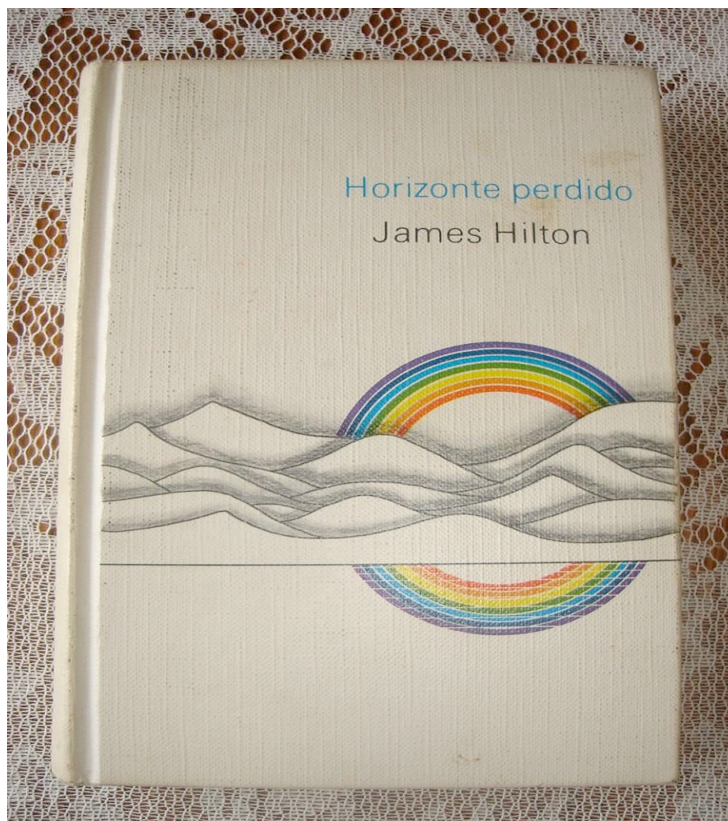


Shangri-la: Uma proposta para hoje?



*Giorgia Troiano
Luciana Helena Mussi (monitora)
Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)*

Introdução

É possível observar na busca incessante do ser humano, iniciada há séculos, pela tão sonhada - fonte da eterna juventude - a possibilidade do prolongamento da vida, para assim adiar o processo de envelhecimento e eliminar a aparição da morte. Seria possível existir tal fonte que revertesse o processo natural da vida? E, se existisse como seria viver em tais condições? A fim de refletir como seria esse ideal de vida, o romance *Horizonte Perdido*, escrito por James Hilton (2002), mostra, de forma única, realista e convincente, uma forma diferente de pensar e viver a vida.

A narrativa inicia-se no prólogo do livro, com a conversa de Sanders, Rutherford e Wyland durante um jantar. Em um dado momento o grupo lembra o desaparecimento de uma aeronave, sequestrada e que nunca chegara ao seu destino. Rutherford, ao ver o interesse de seu colega Sanders, o convida para ir aos seus aposentos e lhe entrega uma carta escrita por ele que narra o ocorrido. A narrativa foi baseada no testemunho de Conway, um dos

passageiros da aeronave sequestrada, deixado por uma idosa em um dos hospitais da China, e encontrado por Rutherford.

A carta começa contextualizando a situação da cidade de Baskul. Quatro civis, Roberta Brinklow, Henry Barnard, Hugh Conway e Charles Mallinson, a fim de fugir da guerra que acontecia no local, embarcam em um avião rumo a Peshawar. Durante o percurso, a aeronave sofre uma aterrissagem brusca e é cercada por um grupo de orientais.

O piloto desce armado e exige que a aeronave seja abastecida. Nesse momento os passageiros percebem que o avião está sendo sequestrado, uma vez que a conhecida rota para Peshawar fora alterada. O avião decola novamente e, por problemas de saúde do piloto, acaba despencando em algum lugar do Oriente, forçando os passageiros a procurarem ajuda, caso quisessem sobreviver. Ao explorarem a mata, encontram um grupo de moradores que oferecem abrigo e alimento na cidade de Shangri-la. Porém, para chegar até lá era necessário que o grupo fizesse uma longa caminhada, estreita e arriscada.

Situada no Vale Azul, a cidade abrigava um mosteiro tibetano, que acabou abrigando a todos. O lugar imediatamente lhes causou sensações agradáveis, como uma espécie de relaxamento nunca vivido. Mas especialmente em Conway, o impacto positivo foi potencialmente maior.

Tchang, um dos moradores, fica incumbido de apresentar as instalações. Ele alerta os visitantes de que não irão deixar a cidade tão cedo, pois não havia carregadores que os ajudassem a realizar tal jornada. Apenas o americano Bernard não gostou da ideia de ter que ficar em Shangri-la por dois meses. A cidade com uma altitude alta, clima bom, e bem iluminada, fornecia as melhores frutas, peixes, bebidas e paisagens.

Como roteiro da visita, Tchang os leva para conhecer a sala de música, contendo desde os cravos aos pianos. O que chamou a atenção, principalmente dos homens, foi a presença de uma mulher tocando os instrumentos, a única até então. Possuía longos cabelos negros, uma pele firme, brilhante e uma beleza inigualável, aparentando ter em torno de 18 anos.

A jovem, que não compreendia a língua inglesa, aparecia para tocar e sumia repentinamente. Basicamente, não havia muitos moradores e estrangeiros. A maioria eram Monges e homens, que aparentavam ser jovens.

Tentando conhecer mais sobre o novo local misterioso, Conway estreita relação com Tchang que mantém um ar misterioso, sem revelar grandes detalhes sobre a tecnologia presente no local. Depois de um mês hospedado, Conway é informado que o ancião do Mosteiro desejava lhe falar.

O ancião, o Lama superior, era um homem pequeno, pálido e enrugado. Começou, após a cerimônia do chá, a contar a história do local. Shangri-la foi descoberta durante uma expedição no século XVII realizada pelos cristãos. Quatro padres saíram de Pequim para outras regiões do Oriente, a fim de

disseminar o catolicismo. Devido as condições do clima, das matas e doenças, apenas um sobreviveu e chegou ao Vale Azul, Padre Perrault.

Foi bem recebido pelos moradores da época e, de imediato, sentiu o bem estar que o local promovia. Com o tempo, poucos estrangeiros, apenas os que conseguiram encontrar o caminho, chegaram à cidade. Eles buscavam ouro, especiarias e pedras preciosas, mas conforme iam vivendo por lá, os bens materiais tornavam-se menos importantes.

Contudo, houve um caso diferente: Henschell, um austríaco que chegou na cidade em 1803 e tornou-se amigo do Padre Perrault. Ele buscava enriquecer e regressar a Europa o mais cedo possível. Para isso, chegou a cidade com carregadores para retirar o ouro. A sua ambição era tão grande que ele decidiu colocar alguns homens armados na entrada do Vale para vigiar o trabalho e expulsar os forasteiros. Apesar disso, Henschell ajudou na administração da cidade até ser morto por um chinês devido a desentendimentos sobre os carregadores.

Conway ao ouvir a história ficou assustado, uma vez que o Henschell deveria estar beirando os 50 anos e aparentava ter 20. Após o primeiro impacto, Conway começou a refletir sobre o tempo, pois o padre chegara no século XVII, conviveu com Henschell no início do século XIX e estava contando todos os fatos com detalhes e clareza. Conclusão: padre Perrault era o Lama Superior.

Após o choque, Lama Superior explica que a cidade do Vale Azul faz com que a juventude seja conservada, o envelhecimento ocorra muito lentamente e em melhores condições, mas ele frisa: do fim, da morte, ninguém escapa. Portanto, não há como “retardar a marcha desses breves momentos que constituem a vida” (HILTON, 2002, p. 166).

Ele conta que se deixasse o local, morreria, já que a atmosfera e a cidade são os principais responsáveis por este “adiamento da morte”. Ao final do encontro, Conway questiona que era uma coincidência ele e seus amigos irem parar em Shangri-la e, caso ficasse, ocorreria o mesmo com ele. Lama Superior afirma que o mesmo processo de lentificação ocorreria, mas não igual aos monges, por estes se adaptarem melhor as condições atmosféricas do local, e que há três décadas, a cidade não recebia visitantes. Foi por isso que um dos moradores decidiu sair em expedição em busca de pessoas com idades diferentes, e do novo século, para enriquecer, culturalmente a cidade.

Assim, ele sequestrou Conway e seus amigos em uma aeronave que suportasse grandes alturas e passasse com facilidade entre as montanhas. Todavia, por ter saído a um bom tempo da cidade, o clima fora do Vale fez com que o “processo de adiamento da velhice” deixasse de funcionar, fazendo com que a idade real do homem viesse à tona. Ele veio a falecer durante o percurso.

Conway não conta aos seus companheiros sobre o conteúdo da conversa por não saber a reação deles. Com o passar dos meses, o grupo de carregadores chega a cidade. Mallinson, que acaba se apaixonando pela jovem, pensa em fugir com ela do Vale Azul. Conway os alerta sobre o que pode acontecer se a moça sair da cidade: ela pode morrer. Mallinson ignora a informação, afirmando que o amigo estava delirando junto com o Lama Superior.

No dia seguinte, o Lama chama novamente Conway, conta que sentia que tinha poucos dias de vida e precisava deixar alguém responsável pela cidade. Segurou fortemente a mão do jovem e disse - Deponho em tuas mãos, meu filho, a herança e o destino de Shangri-la (HILTON, 2002, p. 210). Em seguida morre. Conway sai dos aposentos do Lama assustado, não contando para Tchang sobre o falecimento do ancião. Assim ele decide fugir de Shangri-la com Mallinson e a jovem.

Quando Sanders encontra Rutherford e comenta sobre a carta, questiona sobre o possível delírio ou não de Conway e, ainda, como o homem foi parar em um hospital na China. Rutherford afirma que Conway estava um pouco perdido, mas lúcido e que não lembrava, no primeiro contato, de sua vida antes da cidade. Conway conta também que foi deixado no hospital com muita febre e bem debilitado, não sabendo dizer qual caminho foi tomado até lá, mas sabia dizer que quem o deixou foi “a mulher mais velha que vi até hoje” (HILTON, 2002, p. 248).

Por fim, Rutherford decide ajudar Conway a recuperar a memória. Isso faz com que Conway tome uma decisão: encontrar o caminho para Shangri-la.

A ideia, nesse artigo é comparar a “realidade” apresentada na cidade do Vale Azul com a de todos nós, seres frágeis e finitos, enfatizando as questões existenciais, o decorrer do tempo, a velhice e a finitude, para, ao final, apresentar uma possível contribuição à psicologia e principalmente, aos idosos.

Desenvolvimento

O processo de envelhecimento, segundo Espírito Santo e Cunha (2012), acontece de forma individual, no qual os sujeitos passam por transformações contínuas e inevitáveis. A velhice, daí decorrente, produz impactos psicológicos, biológicos, sociais, econômicos, configurando-se em enfrentamentos internos decorrentes das alterações do ciclo vital.

Desta forma, a percepção do envelhecimento é própria do indivíduo, e está relacionada às experiências vividas, e como a mesma é encarada pelo sujeito que vivencia.

Pode-se dizer também que

Associamos quase sempre a idade cronológica à ideia de tempo de vida e esquecemos que a idade real de uma pessoa é marcada pelo que foi vivido, ou seja, pelo tempo

mental. Possuímos um tempo mental e também histórico, vivemos cada momento e fazemos nossos registros individuais. O que seria, intrinsecamente, no pensamento, no imaginário e no universo simbólico do idoso, esse tempo mental e histórico que foi registrado como lembrança. (DA SILVA, 2012, p. 6)

É certo que muitos idosos acabam apresentando fragilidades em graus diferentes nos aspectos físicos, como dificuldades de locomoção, exercitar-se, alimentar-se, ou necessidade de ajuda total de outros; cognitivos e de aprendizagem, comprometimento maior em falar, aprender, memorizar e escrever.

A sociedade acaba, assim, compartilhando uma visão de que todos os idosos estão nessas condições, reduzidos à condição de fragilidade, e que não possuem mais utilidade, vistos como um “peso” e deixados de lado. Da Silva afirma que:

[...] a força de sentir-se vivo está diretamente relacionada ao estar em movimento e ser produtivo. Entretanto, os que não tiveram a oportunidade de praticá-la - a atividade, vivem uma morte consciente. (DA SILVA, 2012, p. 9)

Complementa, citando Loureiro: “As ideias de desvalor que o velho aceita vão comprimindo sua existência de tal maneira que passam a agir diminuídos e terminam anulando-se em muitos casos” (DA SILVA, 2000, p. 10).

Tal visão deformada do envelhecer faz com que essa população acabe temendo o próprio envelhecimento, procurando formas de reverter esse processo natural, conservar a juventude e, conseqüentemente, adiar a morte.

Dessa forma acabam excluindo suas possibilidades de vida, suas reflexões e, segundo Da Silva (2012), citando Werle (2003): “O homem, enquanto ente, escuta o apelo do ser, toma como responsabilidade sua condição genuína e somente a partir dela promove transformações em sua existência humana” (DA SILVA, 2012, p.276).

Da Silva complementa afirmando que “tornando-se um ser que busca a integridade, terá condições de elaborar recursos adaptativos que transformem o seu tempo, que é único, e sua existência” (2012, p. 4).

Em Shangri-la, o processo de envelhecimento ocorre, mas “com muito mais lentidão e em condições infinitamente mais nobres” (HILTON, 2002), fazendo com que todas essas mudanças não causem grandes impactos nos moradores, como ocorre com os nossos idosos. Nessa perspectiva a velhice era encarada de uma maneira menos temida, prejudicial e horrorizada. Os moradores teriam, assim, tempo para viver várias possibilidades do “eu”, para aproveitar a vida mais profundamente como mostra o trecho:

Virão e ir-se-ão os anos, e o senhor passará dos prazeres materiais a outros mais austeros, porém não menos satisfatórios. Poderá perder o gume do apetite e a rijeza dos músculos, mas desfrutará vantagens que compensarão essa perda. Adquirirá calma e profundidade, madureza, sabedoria e o cristalino encanto da memória. (HILTON, 2002, p. 166)

Alcançariam a “soberania de si” lembrada por Foucault:

A partir do momento em que o cuidado de si precisa ser praticado durante a vida...a velhice constituirá o momento positivo de completude, o cume desta longa prática. É na velhice que, desde que bem preparada por uma longa prática de si, se atinge a soberania de si e se pode desfrutar da satisfação consigo mesmo (FOUCAULT, 2004 citado por TÓTORA, 2008, p. 32).

A ideia de juventude para a sociedade ocidental está relacionada com as normas de beleza, bem estar físico e sinônimo de estar saudável. Como afirma Pelbart (citado por Correa e Hashimoto, 2012: 11), [...] hoje o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, à aparência, a sua imagem, a sua *performance*, a sua saúde, a sua longevidade”. O velho é colocado em um polo oposto do jovem, como se as condições que tornam os seres humanos jovens, são opostas às que os tornam velhos. E deveria ser visto como complementar ao jovem, como o que estará mais a diante no ciclo da vida.

O prêmio para aqueles que vivem conforme as normas é uma vida longa, uma velhice saudável, preservando o vigor da juventude. Velhos e jovens são atingidos por esse ideal, pois ser velho – entenda-se fraco, doente – torna-se um risco virtualmente presente desde o nascimento. Saúde a qualquer custo significa eliminar os riscos de envelhecer. O idoso torna-se em nossa sociedade um grupo de risco, como já dito, risco de morrer, risco de adoecer. (TÓTORA, 2008, p. 4)

A sociedade cria, assim, outra visão do envelhecer, não mais como um processo, mas sim:

Como um estado de carências afetiva e material e de perda física. A desvalorização do envelhecimento exprime-se como um estado de declínio, tornando-se um peso oneroso. A esse estado contrapõe-se um modelo de corpo “saudável”, produtivo e jovem. A saúde está vinculada à conservação de um corpo que não adocece. (TÓTORA, 2008, p.7)

Já em Shangri-la, por ter a estagnação do envelhecer e, portanto, a conservação da juventude, o que define o jovem vai além da aparência e da condição física. É também qualidade de vida, reflexão e transformações existenciais, vivenciadas como busca do bem estar pleno, entre corpo e alma, aceita como um processo natural e vivida por mais tempo, uma vez que a morte demora a ocorrer.

Sentia que uma calma inteligência vigiava com bondade cada uma de suas diversões, confiando-lhe ao ouvido e à vista mil segredos tranquilizadores. (HILTON, 2002, p. 183)

A aparência, ter ou não rugas, dita como preocupação superficial, não é mostrada como algo importante, já que o foco principal é em como se vive. “Quando tiver permanecido bastante tempo entre nós, verá a sua vida passada focalizar-se pouco a pouco, como um objeto visto por um telescópio a que se ajusta as lentes” (HILTON, 2002, p. 182).

De certo, em uma sociedade capitalista voltada para o lucro e consumo imediato, é recorrente a frase “tempo é dinheiro”. A partir dessa concepção, o ser humano deixa de aproveitar a vida, já que fica preocupado com prazos a serem cumpridos, regras a serem seguidas, trabalho para acumular dinheiro, deixando em segundo plano seu bem estar aproveitando momentos simples da vida, como o brotar de uma flor ou um banho de chuva. Por fim, ao chegar na velhice, percebe que o tempo foi curto, restando apenas angústias pelo tempo desperdiçado.

Segundo Erikson (1998), citado por Silva (2012), a teoria dos ciclos do desenvolvimento humano é permeada de transformações, entre elas, a fase da integridade *versus* desesperança, que apresenta a compreensão de como o idoso se sente frente ao envelhecer e morrer. Se alcançar a significação de sua existência, por meio de suas realizações como pessoa, terá condições de sentir-se pleno, diante de tudo que vivenciou ou não. Ao contrário de quando se depara com o tempo vivido e verifica que foi curto, não havendo mais tempo para recomeçar, a sensação de não ter realizado nada de significativo em sua vida, o que gera angústia. Muitas vezes, ao se deparar com tudo que viveu, o idoso ainda terá vontade de viver, sendo impedido por suas limitações, como mostra Da Silva (2012 citando Py & Trein (2002):

Seu corpo, biologicamente, não corresponde mais ao seu desejo de continuar. E mesmo com todas as contradições impostas pelo tempo, ela ainda manifesta a vontade de continuar. Todavia, a supremacia do tempo vence o biológico que é finito e irreversível e no físico instaura-se o tempo histórico, a memória. (DA SILVA, 2012, p. 288 citando PY & TREIN, 2002)

Em Shangri-la, o tempo passa com mais lentidão. Dessa forma, junto com o fato de estagnar o envelhecimento, o idoso teria tempo para vivenciar o que não teve tempo e ainda o que procura realizar.

E, mais precioso que tudo, terá o tempo, esse dom tão raro, tão desejado, que os países ocidentais foram perdendo à medida que o buscavam com mais ardor [...] Terá tempo para ler, nunca mais precisará saltar as páginas a fim de poupar minutos, nem deixar de lado nenhum estudo porque seja demasiado longo. Também tem gosto pela música: aí, pois, estão, os seus instrumentos, as suas composições e, sobretudo, o tempo, sem medida e sem pressa, para extrair deles o máximo encanto [...]. (HILTON, 2002, p. 166)

Como apresentado anteriormente, há a busca incessante do homem pela fonte da juventude e a preocupação em acabar de vez com os sintomas do efeito do envelhecimento. O avanço da medicina tenta se aproximar dessa ideia criando remédios e métodos que conservem a juventude, buscando o Shangri-la. “O que singulariza a época atual é a articulação de uma cultura de desvalorização da velhice, a tecnologias de poder de intervenção e controle sobre o corpo dos velhos” (TÓTORA, 2008: 22).

Ao negar a velhice, “tais estratégias vão promovendo um distanciamento do homem com o envelhecimento e, conseqüentemente, com o espectro da morte” (Chauí, 1982 citado por Correa e Hashimoto, 2012: 9):

Os esforços despendidos na modernidade foram no sentido de escamotear a morte, mais do que enfrentá-la; foram no sentido de negá-la, mantê-la à distância, ignorá-la, banalizá-la e, com isso, colocar o sujeito ainda mais recuado de si e do seu mundo. (CORREA e HASHIMOTO, 2012, p.96)

O que pode estar relacionado com que Schramm (2002), citado por Andrade (2012), apresenta,

Há um tabu ligado à morte, pois, quando a morte se impõe ao ser humano, ela na maioria das vezes se dá na ordem do sofrimento, seja por situações de vulnerabilidade ou por experiências anteriores. Isso pode explicar o porquê de a sociedade contemporânea ter tanta dificuldade em pensar a questão da morte. (ANDRADE, 2012, p. 3)

A questão é: ao não aceitar o processo do envelhecimento e a morte como fim desse processo e da vida tanto para si como para os outros, o homem deixa de valorizar a sua vida. Não é mais a vida eterna após a morte que esses novos sacerdotes prometem, mas a eternidade nesta vida.

Uma existência que quer evitar a morte e a doença é uma existência fraca. Potencializamos nossa força vencendo resistências. Um corpo asséptico torna-se enfraquecido e vulnerável. Morre-se a cada momento. Experimentamos em nossa existência múltiplas mortes para potencializar a vida. Estancar o processo de envelhecimento é o mesmo que paralisar a vida. (TÓTORA, 2008, p. 5)

Segundo Jaspers e Heidegger, citados por Da Silva (2012, p.274) “a morte é a situação limite por excelência: aquela por meio da qual o homem se liga à sua finitude” e também “a morte é a possibilidade mais própria da existência humana, enquanto constitui o ser-no-mundo”. Ou seja, deve ser considerada um fenômeno natural e que deve existir para o idoso ressignificar e terminar a sua vida.

As experiências de perdas e morte na vida do sujeito produzem um significado de reestruturação no sentido da valorização da sua existência. Essa afirmativa embora não ocorra à morte concreta, essas experiências possibilitam a reorganização e a ressignificação da vida, assim sugerindo à sociedade uma transformação das concepções, restituindo-se a dignidade da morte que só será reconhecida, como um acontecimento normal. (COMBINATO & QUEIROZ, 2006; ARAUJO & VIEIRA, 2004)

Por fim, a sociedade capitalista com estas visões e preconceitos, e na qual se desconsidera o envelhecimento como um processo natural, e o tenta impedir de ocorrer a qualquer custo, acaba ditando a ideia de que o ser humano deve vivenciar a jovialidade, pois com ela será um ser ativo e transformador. A morte é, a todo o momento, ignorada e afastada dos sujeitos, e o idoso é colocado como aquele alguém que não produz o seu trabalho e como um ser frágil que sofre com os desgastes do corpo e tem a saúde debilitada.

Deve-se buscar um reconhecimento maior tanto do envelhecimento quanto do idoso, para acabar com os preconceitos vinculados a eles e amenizar os sofrimentos psíquicos.

Considerações Finais

Em Shangri-la, foi possível ver a retardação do tempo e do envelhecimento e, conseqüentemente, a preservação da juventude e adiantamento da morte. É mostrado que o ser humano envelhece de uma maneira mais tranquila e em melhores condições no que diz respeito ao físico, biológico e psicológico. Contudo, o que impede o ser humano de criar uma Shangri-la em uma sociedade capitalista?

Um dos caminhos pode ser em aceitar o processo de envelhecimento como algo natural da vida, buscando proporcionar melhores condições para se envelhecer. Considerar que faz parte do ciclo da vida, que durante este processo, pode experimentar novas possibilidades de si, e adquirir novas vivências.

Desta forma, a representação social do idoso será modificada, fazendo com tenham maior reconhecimento na e para a sociedade. Assim, junto com a tecnologia, voltada para a mudança e não a negação do envelhecer, pode-se criar melhores condições de vida ao idoso, mostrando que são indivíduos ativos, úteis, que podem ensinar muito aos mais novos, tanto no sentido intelectual, físico, como no emocional, e criar um envelhecimento mais digno, tanto no sentido biológico, como no espiritual e psicológico.

O tempo não passará devagar como em Shangri-la, transcorrerá da maneira que lhe é própria, porém vivenciado de uma forma mais rica e respeitosa, em que o idoso terá o seu reconhecimento, que atualmente é negligenciado, e os que ainda não o são, poderão criar maneiras que os façam viver melhor. Tal mudança pode começar agora com aqueles que estão conhecendo o fenômeno de perto e as suas particularidades.

Referências

ANDRADE, M.A.R. Representação da morte: concepções a partir de experiências de vida de idosas usuárias do PSF. In *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), 309-324, agosto, 2012.

ARAÚJO, P.V.R. & VIEIRA, M.J. A questão da morte e do morrer. In *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(3), 361-363, 2004.

COMBINATO, D.S. & QUEIROZ, M.S. Morte: uma visão psicossocial. In *Estudos de Psicologia*, 11(2), 209-216, 2006.

CORREA, M.R. & HASHIMOTO, F. Finitude, envelhecimento e subjetividade. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), 85-99, agosto, 2012.

Da SILVA, A.S.A. Sussurros ao falar a morte: a significação da morte na senescência. In *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), 273-294, agosto, 2012.

HILTON, J. *Horizonte Perdido*. São Paulo: Claridade, 2002.

SANTO, F.H.E. & CUNHA, B.S.S. Envelhecimento e morte na concepção dos idosos e profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. In *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), 161-174, 2012.

TÓTORA, S. (2008). Apontamentos para uma ética do envelhecimento In: *Revista Kairós Gerontologia, São Paulo*, 11(1), 21-38, 2008.

Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.

Giorgia Troiano - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: troianogiorgia@gmail.com

Luciana Helena Mussi – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: lucianahelena@terra.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Supervisora Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduated em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: ruthgclopes@pucsp.br